

DIMSCALE

Architecture
Cost Management ®

1. Procedimentos & Métodos de Trabalho

O que é que aprendeste na Dimscale?

Que conhecimento adquiriste desde que te juntaste a esta empresa?

Nuno Costa (NC): A DIMSCALE não foi uma novidade. Há procedimentos e métodos de trabalho que percebo que é o Artur quem os tem, que vêm do Artur. A empresa procura aproximar-se da Arquitetura através das medições. Menospreza-se a complexidade de um projeto de Arquitetura. Em Portugal, vai-se tendo cada vez mais consciência que esta é parte fundamental do trabalho, e aos poucos, vai sendo reconhecida. A DIMSCALE ajuda a cultivar esta mentalidade. Ao sermos críticos com o trabalho dos outros, acabamos por nos tornar muito mais críticos e a estar mais atentos ao nosso próprio trabalho. Leva-nos a uma introspeção. Aprendemos a levar um projeto a bom porto, não só nas peças desenhadas como também nas quantidades, estimativas, controlo de custos, revisão de projeto, etc. Tudo isso são noções importantes que se vão ganhando com o tempo, trabalhando aqui.

O que é que aprendeste até hoje com a Dimscale?

NC: Aprendi que há uma linguagem que todos falamos dentro da empresa. É fundamental, para que todos se compreendam. Há aqui uma maneira de trabalhar que é cultivada pela empresa e essa maneira de trabalhar dá-se pela forma como os métodos de trabalho estão implementados e pelos tipos de ferramentas que usas. Todo esse léxico, que acaba por fazer parte da cultura da empresa, é uma parte extremamente importante e essa linguagem comum é uma mais-valia para nos conseguirmos entender na perfeição.

Quais são os procedimentos existentes?

Artur Sousa (AS): Aqui não há padrões, há essencialmente uma equipa de trabalho que cumpre procedimentos. Há algumas frases que já são míticas dentro da empresa: “mais facilmente despeço alguém por não cumprir procedimentos do que por cometer um erro!”.

D I M S C A L E

Architecture
Cost Management ®

2. Rework

Porque optar pelo Rework?

AC: Tentamos pensar outside the box e o Nuno é um dos elementos que comprova efetivamente isso, por trabalhar em Rework.

Já tentámos contactar mais pessoas nesse sistema, mas em Portugal ainda é pouco reconhecido. Há uma ideia errada, definindo o conceito como: refazer o trabalho de outro.

O Rework consiste em não estar presente fisicamente no escritório, em concretizar o trabalho a partir de outro local, de qualquer parte do mundo, mas mantendo todos os direitos que a empresa dá a qualquer colaborador e seguindo sempre os tais procedimentos, o tal rigor.

NC: Esse foi um dos aspectos que me interessou, porque este sistema é de facto uma vantagem. Embora eu tenha o maior compromisso com o Artur e com a empresa, não me vejo como um elemento externo. Este regime de trabalho dá-me liberdade para fazer outras coisas a nível profissional. É uma vantagem, apesar de muita gente não conseguir ver isso. É compreensível pois as pessoas estão habituadas a ter um trabalho fixo, com um horário de trabalho e uma rotina.

Contudo, para que este sistema funcione é essencial haver uma grande base de confiança mútua. Acima de tudo, o Artur já me conhecia a nível profissional e já sabia com o que ia contar. Claro que também houve a devida adaptação à Dimscale.

Toda a minha vida trabalhei no modelo convencional e, de um momento para o outro, adaptei-me a este outside the box que o Artur propôs. Para mim é uma vantagem e tem funcionado! Serviu-me um pouco como lição. Tu, enquanto pessoa, tens que te disciplinar de maneira diferente, é preciso ter consciência de que embora não estejas fisicamente na empresa, a responsabilidade e os procedimentos são os mesmos. Acabas por ter uma autonomia diferente, há um compromisso através de um horário flexível, há uma data para entregar o trabalho, há um rigor para o trabalho que tem que ser entregue. É preciso ter cuidado com a imagem que passas, porque eu falo com os clientes na mesma, envio um email com a assinatura da Dimscale, em tudo é a mesma coisa, a única diferença é o espaço físico onde estou a trabalhar.

Claro que, quando estou na empresa, acaba por ser diferente e temos uma relação mais próxima, diz-se umas piadas, vai-se ao café, etc.

Esse conjunto de coisas às quais tens que responder independentemente de estares ou não aqui, é um regime quanto à forma de trabalho, é uma cultura que para mim é completamente outside the box mas que acaba por fazer sentido e por ser interessante, tanto a nível pessoal como profissional.

D I M S C A L E

Architecture
Cost Management®

3. Architecture Cost Management®

Qual é a tua opinião sobre o conceito Architecture Cost Management®?

NC: O Architecture Cost Management® acaba por ser uma ferramenta de trabalho integrada, ou seja, um projeto de Arquitetura. Não são só peças desenhadas, há uma série de questões que estão agarradas a um projeto. Mas, por vezes, só se dá importância a algumas, no entanto, todas são importantes. E este conceito reúne todas as componentes essenciais numa só.

AS: O Architecture Cost Management®, mais do que uma ferramenta, é um conceito. Partiu de uma necessidade que nós sentimos no mercado. Por incrível que pareça, o primeiro trabalho onde utilizamos o conceito foi a nível internacional. Testamos esse serviço com uma assertividade brutal. Não ficámos surpreendidos, mas ficámos satisfeitos com o resultado final. Sentimos que a grande prova foi quando lançamos um concurso num território em que as condições mínimas eram praticamente inexistentes, começando pela ausência de água potável. Manteve-se em consideração todos os pormenores e detalhes envolvidos, desde questões de logística, materiais, mão-de-obra, até o tempo de produção!

Houve um choque de realidades ao sentirmos uma diferença significativa entre este caso e os restantes em que estávamos habituados a trabalhar, nos quais temos praticamente todos os recursos disponíveis e uma qualidade razoável.

Chegado o fim do projeto, entregámo-lo ao dono de obra, com o conhecimento de que o valor iria rondar os 10 milhões e, aquando do retorno da informação do empreiteiro, o desvio existente face ao mesmo foi inferior a 1%! Isto reforça, efetivamente, a utilidade e o potencial deste conceito, ao ser uma mais-valia para esta área.

O know-how e experiência presente, não passa pela Faculdade. Esta pode ter-nos dado a noção do conceito, da arquitetura, de como pensamos e vivemos a Arquitetura, mas tecnicamente não nos deu, nem nos dá, essas bases sólidas.

NC: O facto de ter um conhecimento mais abrangente da Arquitetura, sendo que este não foi obtido somente através da Faculdade, faz com que o conceito de Architecture Cost Management® seja mais passível de entender em todas as componentes e partes envolvidas. Por vezes, há uma falha neste tipo de trabalho. Separar arquitetura da construção e gestão financeira torna-se mais perigoso ainda. Por isso é que em Portugal ocorrem derrapagens nas obras e orçamentos. Normalmente, quem está a fazer este tipo de trabalho não tem noção de tudo, da

D I M S C A L E

Architecture
Cost Management ®

mesma forma que quem projeta não tem consciência de tudo, o que é normal. Mas aqui as pessoas têm que ter uma noção de todas as componentes. Pode-se ter um projeto fabuloso, mas se não há uma quantificação correta e se os preços não correspondem aos valores reais, o resultado final não é o esperado.

Vejo o Architecture Cost Management® como uma ferramenta integral porque vai varrer uma série de questões que estão agarradas à área que trabalhamos.

AS: Entendo o Architecture Cost Management® como uma inovação, pelo simples facto da assertividade que se consegue ter.

NC: E ninguém fica mais feliz do que o dono de obra quando chega ao final e vê que realmente só foi gasto aquilo que se disse efetivamente que se ia gastar!

AS: A vertente e disciplina do Cost Management já existe! Não viemos inventar nada de novo, apenas criámos a inovação. Colocámos um nome, metemos a Arquitetura no Cost Management, mas não é só a palavra arquitetura e sim tudo o que esta engloba.

É frequente, em Portugal, chamarem-me engenheiro porque quando se fala em números pensa-se logo neles. Quando me ligam pela primeira vez, tratam-me por engenheiro e, quando digo que sou arquiteto, as pessoas ficam um pouco baralhadas! Trouxemos ao mercado a compreensão de questões de engenharia que estão associadas a este trabalho. Juntámos a parte financeira, a sustentabilidade e a arquitetura num único sistema. É esta a grande inovação que trazemos, não só em Portugal mas também a nível internacional. Não há nenhum tipo de serviço como este.

NC: Exatamente! Lembro-me que, quando estive na Bélgica, os arquitetos faziam as medições, mas faltava-lhes as outras componentes.

4. Know-How

Quem é que traz os conhecimentos de Engenharia e Gestão?

AS: Esses conhecimentos vêm de um know-how que se vai adquirindo ao longo de mais de vinte anos de carreira. Quando se está neste tipo de empresas aprende-se a ver erros, a precavê-los e a resolvê-los.

NC: A vantagem que se consegue tirar quando se trabalha numa grande empresa de construção, se souberes tirar partido dessa situação, é que basicamente se consegue apanhar um bocado de tudo nesse local. Eu acompanhei obras desde o seu início, desde a parte de estabilidade da obra até à parte de Arquitetura, acabamentos especiais, interação com o dono de obra, arquiteto, fiscalização, fornecedores, etc.

Mas esta parte da engenharia é importante, porque quando se trabalha diretamente com um engenheiro, que era o meu caso (quando estava na Teixeira Duarte, o meu chefe era engenheiro), é necessário solicitar coisas que têm directamente a ver com engenharia e, com o tempo, se quiseres aprender, comesças a perceber as coisas.

A nossa formação é de Arquitetura, mas tens uma componente de Engenharia, de Dimensionamento Estrutural. Não estamos aqui a fazer cálculos num projeto, mas sabemos olhar para um projeto de estabilidade e perceber se as armaduras estão bem dimensionadas em termos de rácios, intensidades. Há valores mais ou menos admissíveis, não somos propriamente engenheiros, mas temos noções essenciais. Aqui fazemos a revisão de projeto e trabalhamos com o cliente. Uma vantagem é que o Artur se rodeia de pessoas com os conhecimentos necessários para determinadas áreas. Não é por acaso que o Artur está rodeado de arquitetos aqui dentro da Dimscale porque, se por um lado há uma linguagem interna, há também uma linguagem mais abrangente.

5. How to get into Architecture's head

AS: Acabámos, muitas vezes, por projetar mentalmente o desenho, para compreender o que temos à nossa frente. É preciso perceber quem é o arquiteto que está do outro lado, como é que ele faz as coisas, como é que pensa, como é que trabalha. Quando pegamos num projeto aqui pela primeira vez, temos que analisar todas essas questões. Não é uma casa ou um hotel que está ali desenhado, é a ideia de uma pessoa, de um profissional. E, muitas vezes, para percebermos essa ideia, quase temos que entrar na cabeça do arquiteto. Dando um exemplo muito concreto. De momento, estamos a desenvolver um trabalho internacional em S. Tomé e Príncipe. Inicialmente, começámos a trabalhar com o arquiteto nativo francês, não foi fácil... Toda a equipa envolvida estava com alguma dificuldade em entender o projeto e a maneira de pensar do Arquiteto.

De alguma maneira, fomos também contagiados por essa ideia, a partir do momento em que começámos a analisar as coisas de um prisma diferente, para compreender o porquê das escolhas dele. Para mudar a situação, tivemos que perceber o que passou na cabeça dele, entender aquele target/tipo de projeto. Para tal, pesquisamos projetos de outros Arquitetos, de outras realidades que tivessem alguma similaridade com o projeto que estávamos a trabalhar e percebemos que o que a equipa projetista queria era um projeto de baixo custo. Que incluísse tudo, mas que fosse acessível.

A ideia do arquiteto era que, sendo barato ou caro, cumprisse o objetivo e que fosse uma referência em termos de arquitetura e de vivência do espaço. A partir do momento em que compreendemos a parte do Arquiteto, a nossa relação melhorou significativamente, tal como, também o nosso trabalho e percepção do projeto. Neste tipo de situação não se pode pedir a um engenheiro ou a um medidor que pense desta forma.

NC: Sim. Além de que, a Dimscale é o único interveniente capaz de “arrumar a casa”! Pelo que conheço do projeto, havia várias quebras na comunicação e era necessário alguém que conseguisse juntar todos os envolvidos.

AS: Através do nosso Know-How e do conhecimento do mercado, conseguimos colocar-nos no prisma de todos e entender as dificuldades de cada um. Ao compreendermos que o cliente pensa de uma maneira e o Arquiteto de outra, conseguimos ter a percepção de tudo o que é dito, adequar o nosso discurso e, principalmente, o nosso trabalho a esta realidade! Para mim esta é a grande inovação que o serviço traz.

DIMSCALE

Architecture
Cost Management ®

Qual foi o projeto mais interessante que já trabalhaste? O que te deu mais formação e conhecimento?

NC: No tempo em que tenho estado a colaborar com a DIMSCALE, já fiz diversos trabalhos distintos.

Já tive a oportunidade de ter uma reunião com um cliente do Resort, que foi um trabalho interessante e que deu para entender uma série de questões. Não é todos os dias que existe essa oportunidade de lidar!

Há algum tempo, tivemos uma medição de um Hospital, que é um programa complexo, com uma série de particularidades técnicas que são muito específicas. Foi interessante, do ponto de vista de linguagem Arquitetónica, em termos formais e em termos da ligação que o Arquiteto fez entre o edifício existente e o novo.

Recentemente, acabámos um projeto para os Spaceworkers. Embora não seja um programa muito extenso nem complicado a nível de Arquitetura, foi interessante do ponto de vista da linguagem formal. Se formos ver, o nosso trabalho é dinâmico e não permanece estagnado, não se trabalha apenas num tipo de projeto. Já estive a medir projetos de estabilidade, instalações elétricas, projetos de Arquitetura, etc. Tudo acaba por ser interessante quando se unem as peças todas. Torna-se interessante por se aprender. Os projetos lançam desafios, há sempre a oportunidade de actuar em âmbitos nos quais nunca antes tinhas trabalhado.

Finalizando e respondendo à tua última questão, não consigo resumir a um projeto. Aponto vários casos de projetos que me deram mais formação e conhecimento porque, no fim do dia, é a soma das várias aprendizagens que foram trabalhadas ao longo do tempo que te fazem evoluir profissionalmente.